

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

Appendice

Homem protohistorico

Idades do bronze e do ferro¹ no Castro de Chibanes(Conclusão. Vid. o *Arch. Port.*, XIII, 270)

Depois de ter escrito o que fica precedentemente exposto, mandei fazer mais excavações em Chibanes, a fim de obter mais elementos archeologicos, que me elucidassem sobre a historia do castro, que ahi teve assento.

Sobre o comoro, com a fórma de arco circular, que, como já anteriormente deixei descrito, cerca pelo lado do norte o alto de Chibanes, descobri as ruinas da antiga muralha, que defendia o dito castro pelo lado septentrional e que estava completamente enterrada sob aquelle comoro. Era esta muralha formada por lages de calcareo da localidade, sem apparelho algum, sobrepostas umas ás outras e apenas cimentadas com terra amassada. A maior parte d'estas lages tem a base quadrada, com 0^m,4 de lado e a altura de 0^m,13 aproximadamente.

A planta (fig. 436.^a) indica a disposição da muralha em torno do castro de Chibanes; o perfil (fig. 437.^a) mostra a situação da mesma muralha sob o comoro acima referido.

Ainda nestas excavações encontrei, sem disposição alguma estracigraphica ou ordem chronologica, grande numero de objectos congeneres de outros, que já descrevi e que reputo neolithicos e da idade do cobre, por serem muito semelhantes aos que encontrei na Rotura e grutas da Quinta do Anjo.

Como a maioria d'estes objectos não offerece caracteres muito differentes dos já descritos, limito-me agora a dar apenas noticia de um machado de cobre (fig. 438.^a) com rebordos e sem ornamentação²,

¹ A idade do bronze e a primeira idade do ferro na Europa, que têm sido consideradas como prehistoricas, vão entrando hoje, em consequencia de novos descobrimentos, no dominio da protohistoria. Neste dominio as fazem entrar alguns notaveis archeologos e entre elles os Srs. G. e A. Mortillet (Vid. *Manuel de recherches préhistoriques publié par la société préhistorique de France*, 1906, p. 136).

² Este machado com a fórma de cunha é dos mais simples e da classe d'aquelles que, segundo Wilde e outros archeologos, são dos mais antigos, por serem evidentemente feitos pelo typo dos velhos machados de pedra. (Vid. J. Lubbock, *L'homme préhistorique*, edição de Paris, v. 1, p. 26).

A meu ver, o processo que se usava para obter o gume e rebordos, nesta especie de machados, foi o mais simples e primitivo: bastava aquecer uma placa

de uma faca (fig. 429.^a) e parte de outra (fig. 440.^a), ambas tambem de cobre.

*

O que neste appendice vou descrever são outros artefactos, achados em Chibanes, tanto na ultima como nas anteriores excavações, os quaes, por terem caracteres de muito melhor fabrico e de artes mais cultas que os observados nos objectos provenientes da Rotura e estação mortuaria da Quinta do Anjo, supponho pertencerem a diversas idades mais civilizadas, que posteriormente á idade do cobre succederam ao abandono d'estas estações.

Muitos d'estes artefactos creio que são do ultimo periodo da idade do bronze nos paises da Levante e na Europa, tambem chamado da civilização mycenense¹, outros da primeira idade do ferro ou de Hall-

rectangular de cobre, e, enquanto quente, martelá-la numa das faces e proximo da aresta menor, para neste logar a placa se achatar e expandir lateralmente cada vez mais, com a percursão, até formar um gume no topo correspondente áquella aresta. A expansão lateral nesta parte da placa formava os rebordos, que, por este motivo, não seriam feitos propositadamente, mas em consequencia do processo de fabrico. Se, antes de terminada a operação, o metal arrefecia e havia, por isso, apesar da grande ductibilidade do cobre, o perigo de, sob a martelagem, abrir fendas, aquecia-se novamente para continuar a operação até o fim.

¹ Julgo que os ultimos tempos da longa idade do cobre nos arredores de Setubal foram contemporaneos de todo o primeiro periodo da idade do bronze nos paises banhados pelo mar Egeu, onde floresceu a primitiva civilização da Asia Menor.

Neste periodo, em que, nas ruinas das mais antigas cidades encontradas em Hissarlik (proximo do estreito de Dardanellos, onde o Dr. Henri Schliemann suppõe ter existido a famosa Troia), nada recorda ainda as artes phenicia ou egyptia, que se encontram em Mycenae (Vid. V. Duruy, *Historia de los Gregos*, edição de Barcelona, vol. 1, pp. 18 e 19), já havia relações entre o povo que habitava as estações dos arredores de Setubal e os paises do Levante, como o provam as contas de calaite e marfim achadas nestas estações. Ainda mais prova este asserto a semelhança de fórma e ornamentação de alguns objectos aqui achados com os encontrados nos mais antigos entulhos de Hissarlik. Assim a espiral de ouro, achada na primeira gruta da Quinta do Anjo, é igual a outras descobertas por Schliemann em Hissarlik (Vid. Dr. Henri Schliemann, *Antiquités troyennes*, traduit de l'allemand par Alexandre R. Rangalié, Atlas, estampa 126, fig. 3520); tambem os desenhos monogrammaticos de cervidios, que decoram uma das malgas (fig. 377.^a) provenientes da terceira gruta da Quinta do Anjo, são muito semelhantes a outros, que, segundo Schliemann, representam antilopes e adornam diversos vasos achados na antiga Troia aziatica (Vid. *ob. cit.*, Atlas, est. 2.^a, n.^{os} 34 a 36 e est 187, fig. 3413).

Apesar porém das relações acima referidas, julgo, como já anteriormente disse, que a industria metallurgica do cobre, nas proximidades de Setubal, dis-

stadt, não poucos da segunda idade do ferro ou de La Tène e alguns sem duvida da epoca romana.

Segundo se infere do que tenho dito, as estações da Rotura e Quinta do Anjo foram sempre contemporaneas da de Chibanes até o termo da idade do cobre na localidade; porém, do fim d'esta idade em diante, parece que aquellas duas estações foram para sempre abandonadas, emquanto esta continuou depois a sobreviver, durante tão longo periodo que chegou até a epoca do imperio romano.

Como tenho difficuldade em classificar alguns dos referidos artefactos em capitulos especiaes, que indiquem respectivamente as suas idades, em consequencia de haver nelles caracteres, que são communs a diversas epocas, tratarei de todos os objectos achados em Chibanes e que me parecem posteriores á idade do cobre, no presente appendice; indicando porém, quando me for possivel, a idade provavel de cada um, na descripção que d'elles fizer.

Assim tambem incluirei neste appendice a descripção de alguns artefactos, evidentemente de epoca já historica e romana, como as moedas, mas cuja noticia completa a de todos os objectos archeologicos achados no antigo castro de Chibanes.

Estes objectos são os seguintes:

A) OBJECTOS DE OSSO:

a) Um estilete (fig. 441.^a) ou alfinete, cuja grandeza e fórma é perfeitamente igual á dos que appareceram no castro da Rotura e que estão representados na fig. 63.^a 1.

Na necropole de Alcalar (Algarve), da idade de transição da pedra para os metaes, tambem foram encontrados com a mesma fórma e da

pensava a importação dos objectos de bronze, que já se usava em Hissarlik, mas que não tinham sobre os do cobre local vantagens compensadoras da sua carestia.

A influencia da civilização mycenense, ou do ultimo periodo da idade do bronze na Europa, é caracterizada em Mycenae e em Knoss (Creta) pela adopção da arte egypcia. Julgo que esta influencia não chegou a tempo de marcar epoca na Rotura e grutas da Quinta do Anjo, ao passo que se manifestou em Chibanes, nos mais simples utensilios do uso pessoal e domestico, como adeante se verá.

Creio que estes factos são devidos ao abandono do castro da Rotura e gruta da Quinta do Anjo, no começo do periodo mycenense, ao mesmo tempo que o castro de Chibanes era occupado por um povo, que para aqui importou o estilo e artefactos produzidos por uma nova civilização.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, VIII, 145, est. v.

mesma substancia dois alfinetes, a que Estácio da Veiga¹ attribue o destino de enfeitar o cabello.

O alfinete, achado em Chibanes, differe dos achados na Rotura e Alcalar em ter o osso intencionalmente tostado, para lhe dar a côr escura, e ter em cada uma das faces oppostas da cabeça uma gravura, formada por dois circulos concentricos, figura ou simbolo que não encontrei em nenhum dos objectos provenientes da Rotura ou das grutas da Quinta do Anjo.

Segundo notaveis archeologos, tanto os circulos concentricos como a espiral, que parece derivar d'estes², procederam do antigo Egypto onde já eram usados no periodo anterior aos pharaos.

Do Egypto passaram taes figuras para os paises banhados pelo mar Egeu. Assim apparecem os desenhos circulares em Hissarlik³ e tanto estes como as espiraes, em Creta, onde na epoca mycenense adquiriram tal desenvolvimento que caracteriza esta epoca.

Foi de Creta que os mesmos desenhos se propagaram pela Europa⁴, chegando, na sua dispersão, até a Jutlandia e Irlanda, onde se vêem juntos os circulos concentricos e as espiraes⁵.

Segundo uns⁶, os ornatos espiraliformes chegaram ao Mar do Norte pela via terrestre ao longo do Elba, retrocedendo depois para o sul e passando pela Hespanha.

Segundo outros, como o Sr. Oscar Montelius⁷, já desde a idade da pedra⁸ existia uma via occidental e maritima, que era seguida por navegantes pre-phenicios, que assim punham o Oriente em communica-

¹ Vid. *Antiquidades monumentaes do Algarve*, III, 142, est. v, fig. dd.

² Ha tambem quem queira inversamente que os circulos concentricos derivassem da espiral. Parece-me porém mais provavel que derivasse esta d'aquelles, pela facilidade em traçar num sector arcos de circulo concentricos por meio de qualquer silex dentado, á maneira de compasso (Vid. J. Evans, *L'âge du bronze*, p. 134). A meu ver, a espiral seria um desenvolvimento cursivo dos circulos concentricos.

³ Vid. Schliemann, *ob. cit.*, est. xiv, fig. 457.

⁴ Cf. J. Fortes, *La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre*, extrait de la *Revue préhistorique*, 1906, pp. 5 e 6.

⁵ Vid. J. Lubbock, *L'homme préhistorique*, 3.^a edição de Paris, vol. I, pp. 163 e 164, fig. 161.

⁶ Como Charles H. Read in *A guide to the antiquities of the bronze age*, citado pelo Sr. José Fortes na *ob. cit.*, p. 5.

⁷ Cf. *Chronologie de l'époque du bronze la plus ancienne dans l'Allemagne du Nord et de la Scandinavie*, citado pelo Sr. Fortes na *ob. cit.*, p. 9.

⁸ As contas de calaite, achadas na estação puramente neolitica do Monte Abrahão, confirmam este asserto; pois julgo que taes contas são de proveniencia oriental.

ção com o Mar do Norte. As costas da antiga Lusitania, situadas a meio trajecto d'esta via, deviam ser, senão a principal, uma das suas mais importantes estações.

O Sr. Dr. José Fortes¹, discutindo as duas ordens de opiniões, conclue por acreditar que foi pela via occidental e marítima que os ornatos espiraliformes chegaram do Oriente á Iberia e d'aqui á velha Hibernia.

Acceptando a opinião do Sr. Montelius, também perfilhada pelo Sr. José Fortes, devia o castro de Chibanes, situado proximo do estuario do Sado, um dos melhores portos que existiam nesse caminho marítimo, receber a influencia da civilização egeana, logo que esta se começou a propagar pelos diversos países da Europa.

Admittindo, porém, que a diffusão dos desenhos circulares e espiraliformes só começou quando o seu uso attingiu o maior desenvolvimento em Creta, no periodo do chamado mycenense ou o mais avançado da idade do bronze, o alfinete de que estou tratando, reunindo a forma e substancia, usadas em iguaes objectos, provenientes da Rotura, com a ornamentação característica da arte mycenense, mostra que esta arte penetrou muito cedo em Chibanes; pois que appareceu aqui quando ainda não estava esquecida a antiga arte neolithica, também em pleno vigor na idade co-metallica ou do cobre nos arredores de Setubal, antes da expansão mais accentuada da arte mycenense.

b) Parte da haste cylindrica de um estilete, que talvez fosse de um fuso. Termina em bico, proximo do qual foi gravado um desenho helicoidal, com tres espiras, que envolvem a superficie do estilete até a extremidade (fig. 442.^a).

c) Parte de outro estilete (fig. 443.^a), achatado e não roliço, como o anterior.

d) Uma rodella, com um furo no centro (fig. 444.^a), da mesma forma que os cossoiros de barro. Attendendo ao seu pequeno peso, julgo que mal poderia servir para volante de fuso. Seria talvez a cabeça de um alfinete de osso, para o cabelo.

e) Um pequeno cylindro (fig. 445.^a), cuja serventia não posso conjecturar.

B) CERAMICA:

Os productos ceramicos que, apesar de se encontrarem em Chibanes misturados nas mesmas camadas de terra com outras congêneres dos achados na Rotura e grutas da Quinta do Anjo, se distinguem

¹ Vid. *ob. cit.*, p. 16.

d'estes, não só pelo processo do seu fabrico, mas principalmente pelo estilo e elegancia das suas galbas, podem classificar-se nos tres grupos seguintes: o de louça de pasta fina sem pintura ou pintada com tinta, que não resiste á temperatura do barro incandescente; o de louça de pasta ainda mais fina e homogenea que a do grupo antecedente e pintada com tinta negra ou vermelha, dotada de brilho muito vivo e resistente á acção dos acidos e da temperatura dos fornos ceramicos; e, finalmente, vasos de louça grosseira, sem pintura alguma ou simplesmente dealbados com cal.

1.º Os principaes objectos do primeiro grupo são:

a) Uma pequena taça (figs. 446.^a 447.^a), com a fórma e grandeza das actuaes chcaras e uniformemente pintada com tinta vermelha alaranjada, sem lustro algum. Julgo que este pequeno vaso servia, como as taças actuaes, para libações.

b) Parte do bordo e fundo de um prato muito achatado ou de pouca profundidade (fig. 448.^a). Este objecto não tem vestigio algum de pintura, apresentando a côr encarnada propria do barro cozido.

c) Uma especie de cangirão ou infusa (fig. 449.^a), que tanto poderia servir para distribuir pelos convivas qualquer bebida, que fosse recebida por elles em pequenas taças, semelhantes á que acima fica referida, como a servir directamente ás libações; pois que tem a boca sufficientemente larga e adequada para uma parte do bordo se poder metter entre os labios.

Este vaso, comquanto tenha a pasta de côr negra, devida á fumação, e a superficie do bojo ornada com *chevrons* incisos, no rudimentar estilo dos tempos neolithicos e do cobre usado nas estações dos arredores de Setubal, destaca-se dos vasos d'esses tempos por umas caneluras em relevo, que lhe envolvem o collo e por uma galba muito regular e semelhante á dos vasos atticos da especie *Oinochoe*¹, a que tambem parece pertencer.

Creio por isto que tal vaso foi fabricado quando o castro de Chibanes já estava occupado por um povo mais civilizado que o das idades da pedra e do cobre, mas ainda bastante cedo para estar completamente esquecida a antiga ornamentação neolithica.

d) Outro fragmento (fig. 450.^a) de vaso igual ao anterior.

e) Fragmentos de varios vasos, que se distinguem da louça neolithica, não só pela pureza da pasta argillosa e perfeição geometrica

¹ Vid. Ch. Daremberg et Edm., *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, Saglio, s. v. «Oinochoe».

das galbas, mas tambem pela tenuidade das paredes, que chegam a ter apenas a espessura de 0^m,001.

A maior parte d'estes fragmentos mostram, pelas caneluras dos seus bordos (figs. 451.^a a 453.^a) e fórma dos fundos (figs. 454.^a e 455.^a), que pertenciam a pequenos vasos de fórma oval (fig. 456.^a) e que recebiam tampa, como os actuaes açucareiros.

O fundo representado na fig. 458.^a parece ser de uma especie de jarro ou gomil.

Todos estes fragmentos de louça tem a côr encarnada propria do barro depois de cozido, e um d'elles (fig. 454.^a) tem pintadas a tinta vermelha umas bandas que envolvem, parallelamente umas ás outras, o vaso de espaço a espaço.

f) Varios fragmentos de louça de pasta muito homogenea, sem pintura e alguns com desenhos impressos na superficie antes do barro estar sêco. Tal é o caco (fig. 459.^a) de côr vermelha, devida á cozedura do barro, o qual tem na superficie tres figuras, duas d'ellas formadas cada uma por tres circulos concentricos e a terceira constituida por um circulo todo radiado.

Outro fragmento de louça, anegrada pela fumigação, apresenta uma serie de ornatos, tambem formados cada um por tres circulos concentricos (fig. 460.^a).

Como já ficou dito, os circulos concentricos estiveram muito em uso, na idade do bronze, principalmente sob a influencia da civilização mycenense.

g) Grandes porções de vasos (figs. 461.^a e 462.^a) em forma de tulipa e semelhantes a outros da idade neolithica achados nas estações dos arredores de Setubal, mas que differem d'elles não só pela homogeneidade do barro e regularidade das galbas, como tambem pela fórma da boca, que tem os bordos verticaes e não inclinados para fora, como succede nos vasos da mesma especie, encontrados na Ratura, Quinta do Anjo e tambem em Chibanos.

Parece-me que estes vasos eram destinados a libações. A garganta, que havia entre o bojo e a boca, servia para os segurar e envolver entre o dedo pollegar e os outros dedos, ficando uma parte do bojo encostada á palma da mão.

2.º Os productos ceramicos do segundo grupo são:

a) Uma pequena taça quasi inteira (figs. 463.^a e 464.^a), na fórma muito semelhante á já descrita do primeiro grupo sob a alinea a), mas de pasta ainda mais fina e a superficie muito regular e revestida de uma fina camada de tinta negra e brilhante como o verniz.

Na superficie interna do pequeno vaso a camada de tinta é mais

compacta e tem um tom mais escuro e avelludado; na superficie externa a tinta parece ser menos densa e apresenta uns laivos de tom acastanhado. Nesta ultima superficie observam-se na pasta rugas circulares de perfeita regularidade, parallelas ao bordo da taça e todas com o centro sobre o eixo geometrico do mesmo vaso. Este facto denuncia que taes rugas não foram produzidas pela mão do oleiro, mas por um molde que, enquanto a pasta estava molle, escorregou sobre toda a superficie externa da taça, alisando-a e dando-lhe a fôrma com que ficou.

b) Boa parte de um vaso semelhante a um grande prato circular, de substancia e fabrico identico ao anterior, e, como elle, todo pintado de negro muito lustroso (figs. 465.^a e 466.^a). Na sua fôrma e grandeza este producto ceramico tambem se assemelha ás actuaes salvas; mas differe d'estas em ter um pé circular muito baixo e de tão pequeno diametro, em relação á largura do vaso, que não permite que este tenha grande estabilidade, quando assente sobre qualquer plano.

Nas pinturas dos antigos vasos gregos, vêem-se frequentes vezes personagens, com character religioso, segurando sobre a palma da mão esquerda com os dedos estendidos o pé ou fundo de uma pátera destinada a libações¹; por isso julgo que o vaso de Chibanes tambem era uma pátera; pois que lhe é muito semelhante.

Na superficie externa e inferior d'este vaso a tinta negra que a reveste é pouco compacta e nella apparece um intervallo sem tinta, em fôrma de tenalha com as garras envolvendo o pé d'esta especie de pátera. Julgo este facto devido a uma tenaz com a qual se pegava nos vasos depois de secos, e antes de irem ao forno, para os mergulhar na tinta com que ficavam como envernizados. Esta tenalha, ficando encostada á face inferior do vaso, deixou ahi impressa a sua figura, por impedir que a tinta banhasse a parte da superficie coberta por ella.

c) Muitos fragmentos de vasos semelhantes aos anteriormente descritos, tambem modelados pelo mesmo processo e pintados, uns de negro com um tom avelludado e brilhante, outros com tinta vermelha.

Um fragmento de patera apresenta zonas coloridas de vermelho, alternando com outras pintadas de negro; outro fragmento de taça tem sobre a bella tinta negra traços ornamentaes de tinta branca.

¹ Vid. as figuras: *O oraculo de Temis e Neptuno e Amphitrite*, que representam pinturas em vasos gregos e que tem sido dadas á estampa em diversas obras, por exemplo na *Historia dos Gregos*, por Victor Duruy, edição de Barcelona de 1890, vol. 1, pp. 40 e 113.

Nenhum dos restos d'esta fina louça, encontrados em Chibanes, tem marcas figulinas ou ornamentos que indiquem positivamente a sua proveniencia fabril.

Segundo o Sr. Zaborowski¹, entre a mobilia dos mais antigos tumulos do velho Egypto encontram-se vasos de barro pintados de negro nos bordos e no interior.

O Sr. Ed. Pottier² diz que a pintura dos vasos com tinta negra esteve em uso nos paeses gregos desde a epoca do bronze chamada *mycenense*, anteriormente ao sec. x, até o sec. v a. C., em que attingiu a maior perfeição pela fluidez, espessura e brilho da tinta.

Com a tomada de Athenas porém (no anno de 404 a. C.), as officinas da ceramica foram destruidas e a receita para fazer tão bella louça perdeu-se ou foi desprezada, porque a pintura dos vasos negros da Beocia já estava em profunda decadencia no sec. iv a. C.

Na actualidade todas as tentativas para produzir tão bella tinta tem falhado. Apenas se sabe, pela analyse chimica, que a tinta preta, que reveste os vasos, resiste aos acidos e ao calor dos fornos ceramicos (como tambem verifiquei nos fragmentos achados em Chibanes); que a mesma tinta tem por base o oxido de ferro; e finalmente que, sob o calor da cocção, tomava diversos tons avelludados, desde o preto ao verde e d'este ao vermelho. Talvez o liquido, em que estava dissolvida a tinta, estivesse a alta temperatura ou fosse corrosivo; porque, não sendo assim, era escusado pegar nos vasos com uma tenaz antes de serem mergulhados no banho que os tingia, como parece ter succedido com a patera descrita sob a alinea b).

Na estação do Senhor dos Martyres, em Alcacer do Sal, foram encontrados alguns exemplares de louça com o typo da de Chibanes, mas decorada com pinturas, como nos vasos italo-gregos.

O Sr. Cartailhac³ attribue alguns d'estes vasos de Alcacer ao sec. vi e outros ao sec. iii a. C.

3.º Os productos ceramicos de pasta grosseira, que classifiquei no terceiro grupo, são:

a) Diversos fragmentos de grandes vasos em cujas superficies foram impressos, quando o barro estava molle, com uma especie de carimbo, varios symbolos ou ornatos (figs. 468.^a a 476.^a).

Em geral estas figuras estão inscritas em quadrados dispostos em xadrez, repetindo-se a mesma figura nos quadrados da mesma fileira

¹ Vid. *L'homme préhistorique*, 7.º edition, pp. 175 e 176.

² Vid. *Duris et les peintres des vases grecques*, p. 43.

³ Vid. *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.*, pp. 253 a 261.

e conjugando-se com outra figura em fileiras alternadas. Assim se vêem num fragmento (fig. 467.^a) conjugadas as figs. 468.^a e 471.^a; noutro as figs. 472.^a e 473.^a; e ainda num terceiro as figs. 469.^a e 475.^a

O ornato ou symbolo mais frequente é o das figs. 468.^a e 469.^a, repetindo-se só ou conjugado com outro.

Esta figura, que é uma cruz cantonada de quatro esquadros, umas vezes inscrita num quadrado outras num circulo, é identica a outras que Schliemann² encontrou em varios cossoiros provenientes de Hissarlik, e tambem a uma gravada num cossoiro descrito pelo Sr. J. Leite de Vasconcellos³ e existente no Museu de Beja.

A mesma figura é identica á que o Sr. Felix Alves Pereira apresenta no *Arch. Port.*, XIII, 214, fig. 8.^a, como «motivo eschematico da epoca de bronze» da que apparece esculpturada no escudo circular de uma estatua de pedra achada no castro de Cendufe (Arcos de Valdevez).

Segundo o Sr. Felix Pereira, este motivo vê-se numa profusão de antigualhas das epocas do bronze e do ferro noutros paises; e crê mais que tenha sido um symbolo religioso do que simples ornamento.

Julgo tambem que não só a cruz, mas ainda o sinal formado por circulos concentricos, de que já fallei, tiveram significação religiosa. Este sinal que, como já foi dito, procede do Egypto e, na idade do bronze, foi introduzido em Hissarlik⁴, Knoss (Creta) e Mycenae, tinha um motivo identico ao hieroglypho representativo do sol ☉, que como é sabido, pelo seu incomparavel esplendor e dominante influencia sobre todos os phenomenos terrestres, chegou a ser, na primitiva religião natural e tambem nas sacerdotaes mais antigas, que d'ella derivaram, o principal objecto de culto.

A letra archaica grega, a que corresponde o theta classico θ , era tambem ☉ ou \oplus ⁵, que ainda tem os mesmos motivos que as figs. 475.^a, 468.^a e 469.^a, encontradas nos restos de louça de Chibanés.

As figuras formadas pela cruz inscrita no circulo, pelos circulos concentricos e pelo circulo radiado, tambem apparecem esculpturadas sobre as pedras dos tumulos de Dowth e Logherew (na Irlanda),

¹ Estas figuras (meandros e rosaceas) tambem se vêem da mesma maneira conjugadas na decoração dos tectos das mais ricas casas do antigo Egypto (vid. *Archeologie Egyptienne*, par G. Maspero, p. 20, fig. 18.^a).

² Cfr. Dr. Henri Schliemann, *Antiquités troyennes*, traduit par A. R. Rangabé, Atlas, est. 1, figs 1-5, 7-9.

³ Vid. *O Arch. Port.*, VIII, 168 e 169, figs. 5.^a e 6.^a

⁴ Vid. Schliemann, *ob. cit.*, est. 14, fig. 457.^a

⁵ Vid. Dott. S. Ambrasoli, *Manuale di Numismatica*, tav. 1.

onde, segundo o Sr. Oscar Montelius, só chegaram depois de passarem pela Jutlandia, no segundo periodo da idade do bronze ¹.

b) Muitos fragmentos de amphoras, com os quaes pude reconstituir totalmente as representadas nas figs. 477.^a a 480.^a e parcialmente as figuradas com os numeros 481 e 482.

A altura media de todas as amphoras é de 1^m,10, e o seu diametro é, tambem em media, de 0^m,3.

Quasi todos estes vasos eram dealbados exteriormente, vendo-se distinctamente a camada de cal branca, que os revestia, em contraste com a côr vermelha do barro, nos logares em que ha fracturas ou em que caiu a incrustação argilosa e escura, que se formou sobre a cal durante os muitos seculos em que taes vasos estiveram inhumados.

As paredes d'estes fragmentos de amphoras não estava adherente senão terra, não se vendo vestigios de cinzas ou de ossos queimados; não posso porém afixar que as ditas amphoras não fossem cinerarias; pois que as vicissitudes, a que tem estado sujeitos os entulhos no castro de Chibanes, nada deixaram no seu primitivo logar.

Todas estas amphoras se podem distribuir em tres classes:

As da primeira classe tem os seguintes caracteres: a boca e parte do collo é em fórma de pavilhão de còrneta, o ombro é conico, o bojo cylindrico e o fundo, começando por ser conico, termina numa cauda cylindrica muito longa. As asas, situadas na parte superior do bojo, junto do ombro, são anelares, de secção circular ou ellipsoidal e lisas ou com uma estria longitudinal exterior, que termina numa cova ou depressão, junto da axilla inferior da asa (fig. 483.^a); algumas, porém, em logar da referida estria tem dois estreitos sulcos tambem longitudinaes, de modo a ficar a asa trilobada.

São d'esta classe as amphoras representadas nas figs. 477.^a a 481.^a

No ombro de uma d'estas amphoras (fig. 477.^a) vê-se a marca figulina ou letra seguinte:

ΥΧ

No fragmento do collo de outra amphora (fig. 484.^a) da mesma classe vê-se o principio de uma legenda em caracteres gregos assim:

ΓΗ'

(Re...)

Nos restos de um d'estes vasos (fig. 481.^a) vê-se que depois de cozido soffreu uma cortadura muito regular no collo, para lhe sepa-

¹ Cf. Sr. José Fortes, *La spirale préhistorique, etc.*, pp. 7, 11 e 12.

rar o pavilhão. Julgo que esta cortadura se fez circularmente em volta do collo para obter uma nova boca em substituição da primitiva, que se tinha partido com o uso. Parece-me, por isto, que se dava certo apreço a estes vasos; pois que ainda se aproveitavam depois de esborcinados.

Os caracteres d'esta classe de amphoras vêem-se tambem, ainda que não reunidos, em diversos vasos provenientes de uma necropole, situada nas ruínas da antiga Carthago, exploradas pelo Rev.^{do} (Padre branco) Dellatre¹. Um d'estes vasos carthagineses (uma amphora cineraria), a que o Rev.^{do} Dellatre attribue origem phenicia, tem a boca em forma de pavilhão de corneta, as asas anelares e situadas na parte superior do bojo cylindrico, como nas amphoras de Chibanes; o fundo porém differe do que se vê nestes vasos, pois que é ogival e termina em bico na parte inferior².

Outros vasos, a que o Rev.^{do} Dellatre attribue origem grega e adopção carthaginesa, são urnas em forma de tulipa com larga boca circular e o fundo a terminar numa cauda cylindrica, que só differe das que se vêem nas amphoras de Chibanes (figs. 477.^a a 480.^a) em ser mais curta³.

Em Santa Olaia (Montemór-o-Velho) tambem o Sr. Santos Rocha⁴ encontrou fundos de amphoras, em forma de cauda cylindrica, que o mesmo Sr. julga, por comparação com as de Carthago, de fabrico punico.

Na segunda classe de amphoras comprehendendo as que, semelhantes ao *Cadus*⁵, tem o collo cylindrico e o bojo com o fundo formam uma ogiva, cujo vertice fica na extremidade inferior.

Nesta classe está o vaso, representado na fig. 482.^a, em que se vêem os restos de asas de secção elliptica, ligadas pela sua parte inferior ao ombro. Esta amphora tem no bojo um orificio circular, aberto já depois do vaso ser cozido no forno, para esgoto de qualquer liquido. Como outra amphora, a que atrás me referi, este vaso tambem foi cortado circularmente no collo.

Na terceira classe comprehendendo as amphoras de paredes delgadas e barro mais fino. Os vasos d'esta classe tinham tambem o collo cy-

¹ Vid. «La nécropole punique de la colline de Sainte Monique» in *Cosmos*, tomo xli (anno de 1899), figs. a pp. 49, 145 e 149.

² *Id.*, *ibid.*, fig. a p. 147.

³ *Id.*, *ibid.*, figs. a pp. 49, 145 e 149.

⁴ Vid. «Santa Olaia» in *Portugalia*, tomo II, pp. 338 e 139, fig. 135.^a (fasc. III).

⁵ Vid. A. Rich., *Dicc. des antiq. rom et grecques*, s. v. «Cadus».

lindrico e possuíam uma única asa de secção elliptica, a qual se ligava pela parte superior ao collo proximo da boca, cujo bordo tinha uma canelura, talvez para nella se encaixar a tampa da amphora, como tudo se induz da observação feita no collo representado na fig. 485.^a

c) Um vaso quasi completo (fig. 486.^a), tendo o bojo a fórma tronco-conica com o plano da base menor a servir de fundo, o collo cylindrico e a boca em fórma de corneta. Tem duas asas de secção elliptica, as quas se ligam pela sua parte inferior a dois logares do ombro diametralmente oppostos e, depois de se dobrarem em angulo recto, vão unir-se ao collo do vaso, proximo do bordo da boca.

Este producto ceramico, que é formado por barro grosseiro como o das amphoras anteriormente descritas, tem um aspecto geral que nos dá a impressão de um barril, como os actuaes para vinho.

d) Fragmentos de diversos potes ou grandes vasos semelhantes ao *dolium* (fig. 487.^a).

e) Fragmentos de vasos semelhantes ás actuaes panelas, porém com as asas dispostas transversalmente (figs. 488.^a e 489.^a).

f) Um pequeno vaso muito grosseiro, de forma tronco-conica, ficando a base menor, na parte inferior, ligada a um pé alto e a base maior correspondente á abertura superior da boca (fig. 490.^a). Esta abertura foi formada por uma cortadura circular na occasião em que o vaso foi fabricado e quando o barro ainda estava molle. Junto do bordo d'esta abertura ha uma pequena asa perfurada, a fim de se deixar, segundo julgo, atravessar por um cordel de suspensão.

g) Diversos pratos de barro grosseiro (figs. 491.^a a 494.^a).

h) Diversos testos de barro (495.^a a 497.^a).

i) Diversos cossoiros ou volantes de fuso, tambem chamados fusaioles (figs. 498.^a a 502.^a), e pesos de rede ou tear (figs. 503.^a e 504.^a).

A maior parte dos cossoiros são tronco-conicos, tendo uns a base maior concava e a menor convexa, e outros ambas as bases planas.

Um d'estes pesos de fuso tem na face plana uma figura, formada por dois diametros ponteados em cruz, e entre os braços d'esta cruz quatro cavidades, em fórma de folhas, formando uma roseta (fig. 498.^a). Este ornato é frequente na arte grega archaica.

Os pesos de rede (figs. 503.^a e 504.^a) tem a mesma fórma que os cossoiros, de que apenas differem em ter maiores dimensões. Em tudo estes pesos são semelhantes aos actuaes pesos de rede, a que os pescadores de Setubal dão o nome de *bodos*.

Estes objectos tambem poderiam servir para pesos de tear.

j) Tijolos em fórma de prismas rectos de base rectangular (figs. 505.^a e 506.^a).

k) Camadas de barro cosido atravessadas paralelamente a uma das faces maiores, por canaes, que mostram claramente, pela sua fôrma, que foram occupados por diversos ramos de caules de arvores, que ahi foram introduzidos antes do barro estar cozido e quando estava molle. Por este motivo, taes productos são semelhantes a outros mal cozidos, que já referi, achados no castro da Rotura¹.

Tanto os tijolos como as camadas de barro cosido estavam dispersos em pequena area, onde appareceram agglomerados, num logar, cêrca de 40 litros de trigo (fig. 507.^a) todo carbonizado, e noutro muitas sementes (fig. 508.^a), igualmente carbonizadas, que, pela sua fôrma e grandeza, muito se assemelham ás sementes do amendoim (*Arachis hypogoea*, L.).

Algumas sementes de trigo ficaram impressas e outras cravadas nas incrustações de terra e cinzas existentes na face superior dos tijolos, o que me leva a suppor que, com estes productos ceramicos, se formou um lar ou pavimento, sobre o qual as sementes foram queimadas.

C) OBJECTOS DE PASTA VITREA:

a) Uma conta, com a fôrma anelar, de pasta vitrea granular, pouco homogenea, quasi opaca, semelhante á porcelana e com a côr azul ferrete (fig. 509.^a).

O Sr. Santos Rocha² descreve varias contas de vidro azul, provenientes de Santa Olaia (Montemor-o-Velho), as quaes, pela sua fôrma, são como a de Chibanês.

Segundo G. Perrot e C. Chipiez³, foram os egypcios que inventaram o vidro, cuja fabricaçã ascende ao antigo imperio; e foram os phenicios que, apoderando-se do segredo da sua industria, fizeram d'elle um artigo de commercio.

Do Egypto o vidro foi levado para Jalysos e Mycenas, no ultimo periodo da idade do bronze, e d'ahi se distribuiu pela Europa. Assim chegou, ainda na idade do bronze, ás estações do Sudeste da Espanha⁴, á Inglaterra⁵ e á Dinamarca⁶.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, VIII, 271.

² Vid. «Estações pre-romanas na idade de ferro», in *Portugalia*, t. II, p. 351 (fasc. III).

³ Vid. *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. III, p. 733.

⁴ Vid. Siret, *Les premières âges, etc.*, pp. 11 e 34.

⁵ Vid. J. Evans, *L'âge du bronze*.

⁶ Vid. O. Montelius, *Le temps préhistorique en Suède*, traduit par S. Reinach, p. 87.

b) Metade de outra conta estérica de vidro azul escuro, quasi opaco (fig. 510.^a).

Tanto no fabrico do vidro como na forma de o moldar, este fragmento de conta accusa uma arte mais perfeita que a conta anteriormente descrita.

No hemispherio, que resta, vê-se o canal de pequeno diametro, por onde passava o cordão, em que a conta era enfiada.

Estacio da Veiga descreve muitas contas, que attribue á primeira idade do ferro, semelhantes a esta e provenientes da Fonte Velha (Bensafrim) e dos Comoros da Portella (S. Bartholomeu de Messines)¹.

c) Outra pequena conta de vidro opaco e de côr verde muito negro; tem a forma cylindrica, sendo atravessada na direcção do eixo por um estreito canal por onde era enfiada (fig. 512.^a).

d) Uma estilha de pequeno vaso de pasta vitrificada, azul, opaca, granulosa e pouco homogenea, como a da conta descrita sob a alinea a). Este fragmento de vaso tem a superficie decorada, por meio de esmaltes amarellos, verdes e brancos, com a figura de uma planta, que, com as suas folhas e bulba formada de camadas concentricas, muito se assemelha á cebolla vulgar (fig. 513.^a).

¹ Vid. *Antig. mon. do Algarve*, vol. iv, pp. 252 e 259.

O mesmo autor tambem attribue á primeira idade do ferro diversas contas, formadas por camadas sobrepostas de pastas vitreas de diversas côres (azul, verde, branca e vermelha).

D'estas contas foram umas encontradas a ornamentar as paredes de nichos e capellas, como nos conventos de Chellas e de Marvilla (Lisboa), outras foram desenterradas de diversos logares no Algarve.

Na cêrca e jardim do convento de Brancannes (1 kilometro a NW. de Setubal) ha uma fonte e cascata cujas paredes tambem estão ornamentadas com contas tubulares e ellipsoidaes, formadas por diversas camadas de pasta vitrea de diversas côres e transparencia, sendo as pastas vermelhas e brancas muito opacas e as azues e verdes translucidas.

Na quinta dos Meses, contigua á cêrca de Brancannes ha tambem uma fonte protegida por uma capella, cujas paredes estavam cobertas de cacos de louça da China e de muitas e variadas contas das especies descritas por E. da Veiga. O actual proprietario da quinta mandou fazer algumas reparações na dita capella, e por essa occasião obtive d'elle varias especies de contas, que represento na fig. 511.^a

Tem-se encontrado contas d'estas especies na Nova Caledonia e na America; no Rio Grande do Sul foram achadas numa urna funeraria de incalculavel antiguidade (Cf. E. da Veiga, *ob. cit.*, vol. iv, p. 257).

Ignoro a proveniencia das contas de Brancannes e dos Meses; apenas julgo que foram trazidas de alguma região ultramarina pelos nossos navegadores depois dos descobrimentos do Brasil e do caminho maritimo para a India.

Taes objectos de vidro não tem apparecido nas ruinas mais antigas descobertas em Hissarlik, e só começam a apparecer em Mycenae juntamente com outros espécimes da industria e arte egypcias, mostrando a influencia que esta arte, por intermedio dos Phenicios, teve na civilização mycenense durante o ultimo periodo da idade do bronze na Europa oriental e mediterranea.

Em Crasto (proximo da Figueira da Foz) tambem o Sr. Santos Rocha¹ encontrou um fragmento de pequeno vaso de vidro azul, como o de Chibanes, esmaltado de amarello e verde.

Ha exemplares inteiros d'estes pequenos vasos no Museu do Louvre e outros da Europa.

O Sr. Santos Rocha segue a opinião geral de que esta especie de vasos tem proveniencia egypto-phenicia.

D) OBJECTOS DE BRONZE:

a) Uma ponta de lança, a que já me referi anteriormente ao tratar da idade eo-metallica nos arredores de Setubal. Ficou representado na fig. 435.^a

b) Uma conta esferica de bronze (fig. 514.^a), com o diametro de 0^m,011.

Esta conta tem um canal, com 0^m,002 de diametro, que poderia servir para a passagem de um cordão ou para ser atravessado pela haste de um alfinete ao qual a conta servisse de cabeça. Em alguns alfinetes, provenientes das estações lacustres da Suissa, vêem-se as cabeças esfericas ornadas com circulos concentricos, accusando a arte mycenense².

c) A mola helicoidal de uma fibula, ou primitivo broche, de bronze, formada por duas helices, numa das quaes está encorporado um alfinete (fig. 515.^a).

D'esta cabeça de fibula só falta o travessão, que pela sua passagem no interior das helices mantinha o eixo d'estas perpendicularmente ao plano do arco da fibula.

Segundo se infere da fractura existente no inicio de uma das referidas helices, estas eram uma expansão do arco fibular, que, transformando-se em fio de secção circular a partir do logar da fractura correspondente ao centro do travessão, se enrolava até o extremo d'este em helice sinistrorsum de oito espiras contiguas. Formada a

¹ Vid. *ob. cit.*, in *Portugalia*, t. II, p. 511.

² Vid. figs. 51.^a e 52.^a a p. 35 de *L'homme préhistorique*, por J. Lubbock, ed. de Paris 1888.

oitava espira, o fio voltava em linha recta constituindo a corda da fibula até a outra extremidade do travessão, a partir da qual novamente se enrolava em segunda helice dextrorsum, que ficava semelhante á primeira e symetrica d'ella em relação ao plano do arco da fibula. Terminada a ultima espira dextrorsum, o fio prolongava-se em linha recta, formando o alfinete perpendicular ao travessão.

A continuidade de uma só peça, formando o arco, a mola da cabeça e o alfinete da fibula é um dos caracteres distinctivos de um typo que se filia no das fibulas de Tène I da 2.^a idade do ferro ¹, e que o Sr. José Fortes ² achou em algumas fibulas de Sabroso.

Tal continuidade, que julgo tambem ter existido na fibula, cujo resto encontrei em Chibanes, leva-me a incluir essa fibula no typo sabrosiano, que segundo o mesmo illustre archeologo foi verosimilmente adoptado entre 350 a 250 antes de J. Christo e persistiu sem mudar de forma durante a Tène II ³.

d) Um arco quasi completo (fig. 516.^a) de outra fibula, tendo o pé com goteira e appendice caudal.

Este appendice ou prolongamento do pé da fibula, depois de se ter voltado para a banda do arco, ajusta-se a elle por meio de uma expansão do proprio appendice em fórma de anel ou braçadeira, ornada de traços circulares, envolvendo o arco da fibula.

Esta especie de ligação da extremidade da cauda ao dorso do arco é característica das fibulas do typo Tène II, como indica o Sr. Fortes ⁴.

O mesmo Sr., a quem enviei uma photographia d'este arco de fibula, disse-me, em carta que me escreveu, que não conhece outro exemplar achado em Portugal.

e) Outro arco completo de fibula (fig. 517.^a), tendo a extremidade do lado da cabeça arredondada e coberta de saes de ferro, que talvez encubram o orificio onde talvez esteja encravada parte de um eixo ou travessão de ferro da fibula.

O alfinete, que se vê na parte inferior da figura, talvez se articulasse ao eixo pela volta anelada de que se vê parte, ficando portanto a cabeça do alfinete á banda da extremidade do arco. Esta disposição tambem se nota em algumas fibulas de Santa Olaia ⁵.

¹ Vid. *Manuel de recherches préhistoriques publié par la société préhistorique de France* (1906), p. 162, fig. 119.^a

² Vid. «As fibulas do noroeste da peninsula» in *Portugalia*, t. II, pp. 16 e 17.

³ Vid. *Ob. cit.*, p. 28.

⁴ Vid. *ob. cit.*, p. 19, e cfr. tambem *Manuel de recherches préhistoriques*, p. 210, fig. 137.

⁵ Vid. *Portugalia*, t. II, p. 326 (fasc. III).

Do lado opposto á cabeça da fibula o arco transforma-se, primeiramente no pé da fibula, no qual está cavada uma goteira para descanso do alfinete, e depois num appendice caudal, ornamentado com baldões ellipsoidaes. A extremidade d'esta cauda encorpora-se no dorso do arco, ornado com uma nervura longitudinal.

Tal encorporação é característica das fibulas do typo Tène III¹, attribuidas ao sec. I a. C.².

f) Um fragmento de faixa, com 0^m,044 de largura, formada por uma lamina de bronze ornada em cada orla com uma fileira de orificios circulares (fig. 518.^a). Julgo que este objecto faria parte de um bracelete.

g) Outro fragmento de faixa de bronze (fig. 519.^a) com 0^m,015 de largura em quasi toda a extensão. Esta faixa diminue de largura, que se reduz a 0^m,009 proximo de uma extremidade, onde termina em colchete.

Julgo que este objecto tambem faria parte de um bracelete ou pulseira, e que o referido colchete servia para ligar a extremidade onde se vê á outra extremidade opposta e symetrica (que falta no fragmento achado) d'este adorno, quando envolvia o braço ou o punho.

h) O revestimento de um botão circular, a que está ligado o pé em fórma de argola (fig. 520.^a). Neste revestimento devia estar encastado o corpo, que falta, do botão.

i) Um fragmento de lamina de bronze em fórma de fita, com 0^m,005 de largura, e dobrada da mesma maneira que a lamina das actuaes pinças (fig. 521.^a).

Julgo que esta peça faria parte de uma especie de *volsella*³ ou pinça, de que os Gregos e os Romanos se serviam para arrancar os cabellos com a raiz.

j) Parte do bordo de um vaso ou casco de capacete⁴, hemispherico ou semi-ellipsoidal (fig. 522.^a).

Para que este bordo ficasse com mais resistencia, a lamina, de que era formado, dobrava-se para fóra, ficando a orla constituida por uma bainha. Junto d'esta bainha vê-se um orificio atravessando duas

¹ Vid. Sr. José Fortes, *ob. cit.*, p. 19.

² Id., *ob. cit.*, p. 29.

³ Vid. esta palavra no *Dictionnaire d'antiquités romaines et grecques*, por A. Rich.

⁴ Diodoro Siculo, contemporaneo de Augusto, diz que os celtiberos «trazem na cabeça capacetes de bronze enfeitados com pennachos côr de purpura». Citado pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos n-*O Arch. Port.*, xi, 231.

vezes a lamina na dobra, provavelmente para a prisão de alguma argola ou colchete, que talvez se ligasse a um arco de suspensão ou a um francalete.

k) Outro fragmento de objecto semelhante ao antecedente, mas onde se não vê orificio algum (fig. 523.^a).

l) Uma argola (fig. 524.^a) com 0^m,035 de diametro e semelhante ás que actualmente servem para ligar as correias dos equipamentos, nos pontos em que estão sujeitas a romper-se pelas frequentes flexões.

m) Parte de uma lamina, que julgo ser de espada e correspondente ao logar em que era revestida pelo punho, por ser oblonga e ter um orificio e vestigios de outro, que me parece serem destinados á passagem das cavilhas, que ligavam a lamina da espada ao punho (fig. 525.^a).

n) Um anzol com a barbela pelo lado de dentro (fig. 526.^a).

o) Um adorno (fig. 527.^a) com a fórma de flor de lis.

p) Diversos pregos (fig. 528.^a).

q) Um pequeno fragmento de lamina de espelho em fórma de calote esferica (fig. 529.^a), de bronze.

O espelho, de que este fragmento fazia parte, devia ser analogo aos espelhos metallicos de mão, que foram usados pelos Gregos e Etouscos e imitados pelos Carthagineses e Romanos. D'esta especie de espelhos tem-se achado alguns exemplares nas ruinas de Carthago¹ e muitos em Pompeia².

A lamina do pequeno espelho manual, de que fazia parte o fragmento achado em Chibanes, era ligeiramente convexa, isto é, tinha um pequeno angulo de abertura, como se póde ver na secção representada na fig. 530.^a

A meu ver esta convexidade era destinada a permittir que, com tão pequeno instrumento, a pessoa, que se mirava, pudesse observar tanto a propria cabeça como o corpo inteiro. Assim, quando essa pessoa não afastava muito o espelho com a mão, que o segurava, via, em grandeza um pouco menor e sem desproporções muito sensiveis, a imagem da propria cabeça e rosto; quando porém essa mesma pessoa queria mirar a sua imagem em corpo inteiro, conseguia vê-la muito menor afastando convenientemente o espelho.

Se a superficie polida fosse plana, a imagem formada seria da mesma grandeza, e perfeitamente symetrica do corpo da pessoa que se queria ver pela reflexão; mas por isso mesmo, quando se quisesse

¹ Vid. *ob. cit.*, do P.^e Dellatre, in *Cosmos*, t. xli, p. 147.

² Vid. A. Rich, *Dict. des antiq. romaines et grecques s. v. «speculum»*.

observar o corpo inteiro, a altura da superfície polida devia ser quasi igual a esse corpo, o que obrigaria a dar ao espelho taes dimensões que este deixaria de ser portatil.

O bronze da lamina especular, de que resta o fragmento, tinha a côr amarello-clara, julgo que devida á grande proporção de estanho, que entrava na liga, como ainda hoje se pratica, ainda em maior grau, com os espelhos dos telescopios, em que a percentagem é de 33¹.

Julgo que a proporção do estanho, dada em maior quantidade ao bronze do espelho que ao bronze ordinario, era a conveniente para dar ao bronze especular a dureza sufficiente, sem a qual a superficie reflectidora em breve se embaciaria, por não resistir aos attritos e choques, a que estava sujeita.

Este artefacto prova, pela delicadeza do seu fabrico e perfeição adequada ao seu destino, que os habitantes de Chibanes chegaram a um adeantado grau de civilização ou estavam em relações commerciaes com qualquer povo que tinha as suas artes e industrias muito desenvolvidas.

No terreno chamado das Antas, na Torre de Ares, perto de Tavira, foi encontrado um espelho de bronze² que parece ser semelhante áquelle de que achei o fragmento em Chibanes.

E) OBJECTOS DE FERRO:

a) Parte de uma faca ou cutello (fig. 531.^a), comprehendendo uma porção da folha com a cota e gume e o espigão cylindrico em que se encabava.

Este instrumento parece-se muito, pela sua fórma, com as actuaes navalhas de barba, comquanto talvez o seu uso fosse differente d'estas.

b) Uma fivela (fig. 532.^a) com o arco em fórma de argola, roliço, de igual espessura em toda a volta e sem solução de continuidade.

O fusilhão d'esta fivela atravessa diametralmente o espaço comprehendido pelo aro, abraçando-o por um lado com um anel.

Esta fivela é muito semelhante a outra que se encontrou na estação do Senhor dos Martyres em Alcacer do Sal³.

¹ Vid. C. Delon, *Le cuivre et le bronze*, p. 33.

² Vid. *O Arch. Port.*, II, 57.

³ Os objectos encontrados nesta estação acham-se hoje distribuidos pelos museus de Artilharia (Lisboa), Ethnologico Português, de Alcacer do Sal e da Biblioteca de Evora.

Em Citania de Briteiros tambem se encontraram fivelas semelhantes, tendo porém o arco interrompido no lugar em que devia assentar o bico do fusilhão ¹.

c) Um prego (fig. 533.^a), com a cabeça ogival e a haste de secção quadrada voltada no meio em angulo recto. Esta volta parece indicar que se obteve rebatendo a dita haste sobre a face da madeira opposta áquella onde ficava a cabeça do prego.

Um fragmento (fig. 534.^a) de outro prego semelhante ao antecedente.

d) Um espigão ligado por meio de chumbo á mó jacente de um moinho de mão (fig. 535.^a), para servir de eixo, sobre o qual devia ter movimento de rotação outra mó movente.

Outro espigão (fig. 536.^a), que julgo ter tido a mesma serventia que o antecedente.

e) Um fragmento de machado (fig. 537.^a), onde ainda se observa o gume.

f) Uma aselha (fig. 538.^a), um tanto semelhante ás que se usam para pegar nos bahus.

F) MOEDAS:

a) Um medio bronze (figs. 539.^a e 540.^a), muito bem conservado.

No anverso, esta moeda tem nitidamente cunhado o perfil da cabeça de Jupiter, voltada para a esquerda, em cabello e cingida com uma coroa de louro. Em frente do busto vê-se uma legenda um tanto safada, em caracteres, que parecem latinos, com diversas siglas e disposta em trapezio circular contiguo ao arco de uma circumferencia granulada, que circunda toda a face da moeda. Alguns granulos d'esta circumferencia confundem-se com as letras da legenda, o que torna a sua leitura mais difficil. Comquanto eu não possa decifrar esta legenda, affirmo que ella é differente das que se vêem no anverso das diversas moedas, com o mesmo typo, publicadas pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos ².

No reverso vê-se distinctamente na direcção do diametro e em caracteres turdetanos ³ a seguinte legenda:

□ΛΥΕΣ

Nesta inscrição as duas letras da esquerda □ e Λ formam a sigla □Λ.

¹ Vid. J. Fortes, «Fibulas e fivelas», in *O Arch. Port.*, IX, 4 e 5.

² Vid. *O Arch. Port.*, IV, 83 a 85, est. I e II.

³ Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos (Vid. *O Arch. Port.*, III, 185), estes caracteres tem sido chamados impropriamente celtibericos, pois que a sua origem é phenicia e não celtica.

A legenda lê-se da direita para a esquerda conforme o costume phenicio e grego archaico; separando pois as duas letras da sigla, dispondo os caracteres á maneira romana da esquerda para a direita e pondo por baixo os correspondentes caracteres latinos vem:

ΕΜΨΟΙ

EVIOM

que formam a palavra *Eviom*.

Ladeando superior e inferiormente esta legenda vêem-se dois peixes, que parecem ser atuns, na attitude de nadar para a direita.

Ao sul de Portugal, e no territorio hespanhol limitrophe, tem-se encontrado algumas moedas semelhantes a esta ¹.

Zobel, comparando uma d'estas moedas, em que, segundo diz, a palavra *Eviom* está entre dois golfinhos, com outra em que a legenda IMP SAL está entre os mesmos cetaceos dispostos do mesmo modo, conclue que o nome *Eviom* designava a povoação, que depois se chamou *Salacia urbs imperatoria* e hoje é Alcacer do Sal ².

Segundo A. de Barthélemy ³ «as legendas celtibericas appareceram no seculo I antes da era christã sobre as moedas em que a influencia romana é de facil comprovação».

b) Outro medio bronze muito mal conservado.

No anverso tem o busto do imperador romano Claudio (10 a 54 depois de Christo), voltado para a esquerda, com a cabeça descoberta e parece que cingida com um diadema. Em volta do busto ha uma legenda quasi apagada, onde ainda a custo se pode ver:

... CL SAR ... G

CL(audius Cae)sar (Au)g

No reverso vê-se a figura nua e em corpo inteiro de um homem em pé, com o braço direito estendido horizontalmente e o ante-braço esquerdo levantado acima do ombro. Á esquerda da figura vê-se a letra S, que talvez tivesse posição symetrica de um C do lado direito da mesma figura; esta ultima letra porém já se não distingue por a moeda estar muito gasta. Ficaria assim a bem conhecida legenda S C (Senatus Consulto), symbolo da autoridade senatorial.

¹ Vid. *O Arch. Port*, I, 81; II, 280; III, 127 e 269; e VI, 83 e 85.

² Vid. *Revue Numismatique*, 1836, p. 369, e *Manual numismatico español*, t. v, p. 187.

³ Vid. *Numismatique ancienne*, p. 88.

G) DIVERSOS OBJECTOS:

a) Uma conta discoidal da especie de agatha chamada cornalina (fig. 541.^a).

Com esta substancia tambem se formou um pingente, achado na estação de Torre de Ares da idade do ferro¹.

b) Uma lamina rectangular de chumbo (fig. 542.^a), que julgo se enrolava sobre qualquer cordão servindo de orla a uma rede a que o chumbo servia de peso

Como é sabido, pelas excavações de Schliemann nos depositos da idade do bronze em Mycenae, o chumbo foi conhecido antes do ferro.

c) A mó jacente completa de um moinho de mão, tendo ainda ligado, por meio de chumbo, o eixo ou espigão de ferro, sobre o qual rodava a mó movente (fig. 543.^a).

Esta mó tem apenas 0^m,35 de diametro, sendo convexa na face superior e plana na inferior.

d) Metade da mó movente de um moinho de mão, semelhante á *mola manuaría* dos romanos (fig. 544.^a)².

Esta mó tinha a face superior plana e a inferior cavada para poder assentar e mover-se sobre a mó dormente (fig. 545.^a), que tinha a superficie superior convexa e reciproca da concavidade semi-esferica da mó movente.

e) Restos humanos. D'estes restos só encontrei alguns dentes inteiros e com as coroas pouco gastas.

f) Diversos restos de mamíferos, como pontas de veado, ossos de cabra, carneiro e javali, alguns d'elles queimados, provando que estavam ligados a viandas, que foram assadas.

g) Restos de molluscos e peixes, como inter-maxillares da Dourada, valvas de ameijoas, de berbigão, navalhas, burriés, etc.

*

Os artefactos descritos neste appendice, e que attribuo á idade do bronze (*mycenense*) e á 1.^a e 2.^a idades do ferro, provam que o castro de Chibanes continuou a ter importancia e a ser habitado durante um longo periodo, que succedeu na idade do cobre ao abandono da Rotura e grutas da Quinta do Anjo.

Sobre as causas d'este abandono não se podem por ora aventurar senão conjecturas; comtudo creio que o estudo do grau de probabili-

¹ Vid. E. da Veiga, *Antig. mon. do Algarve*, vol. iv, p. 260.

² Vid. A. Rich, *Dict. des antiq. rom. et grecques*, s. v. «Mola».

dade d'estas é util, pois que, pela exclusão das menos provaveis, se pode descobrir a mais plausível, senão a verdadeira.

Assim, não me parece que a preferência dada ao castro de Chibanes para continuar a ser habitado depois do abandono da Rotura, fosse motivada por o povo d'esse castro estar em melhores condições para o desenvolvimento de uma civilização, que apenas tivesse em vista o aumento das commodidades dos seus habitantes, sem attender permanentemente á possibilidade do castro ser surprehendido e conquistado por um inimigo superior em numero ou força.

Neste caso seria antes preferido o castro da Rotura, que, se não tinha boas condições de defesa, como já vimos, estava mais proximo do mar de onde os seus habitantes tiravam os principaes recursos para a vida, e em sitio mais accessivel e commodo, para os que pacificamente cultivassem as ferteis hortas das terras baixas, que lhe ficam vizinhas pelo lado oriental.

O que me parece mais provavel é que gente armada estrangeira, enviada pelos Phenicios ou seus precursores¹, a quem muito convinha

¹ Os Phenicios eram mais negociantes do que homens de guerra; por isso é natural que desde a idade do bronze, em que começaram a estabelecer feitorias nos diversos paises da Europa, as guarnecessem com tropas mercenarias, recrutadas em todos os paises onde chegava a sua navegação e principalmente no Norte da Europa, cujos homens, seleccionados por um clima aspero e inclemente que não deixa viver senão os fortes, deviam ser pela sua corpulencia e ferocidade o terror dos povos do Meio-Dia.

Os Celtas, que tem sido julgados como povoadores, não eram senão tropas da mesma origem, as quaes mais tarde, como vanguarda dos Germanos e Escandinavos, vieram na idade do ferro, a soldo dos Carthagineses, Egypcios e Gregos (Cf. *Cours de littérature celtique*, XII, par D'Arbois de Jubainville), invadir a França, Italia, Hespanha e Grecia, chegando ao apogeu da sua expansão nos secs. v e III antes de Christo.

O Sr. M. Gómez Moreno M. (Vid. «Arquitectura Tarteria: la necropoli de Antequara» in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, tom. XLVII, p. 128) falando dos Celtas diz: «A sua vinda a Hespanha, como a dos Barbaros do Norte, devia produzir uma occupação militar rapida á custa das violencias e horrores que os naturaes do país, sempre desunidos, foram incapazes de conter (Strabão, III, iv, 5), até que no sec. IV invadiram a maior parte da Peninsula (Strabão, IV, iv, 6. e II, v, 4.). Repellidos prontamente de algumas regiões, logo que sobreveio a reacção, e amansados ao contacto de uma civilização superior, ficaram reduzidos a uma aristocracia guerreira, cuja ferocidade e crueza eram notorias (Strabão, III, II, 15.) e contra a qual talvez embatessem com mais insistencia os Carthagineses e Romanos até a humilhar. Sendo assim, fica explicavel a escassez de vestigios celtas aqui encontrados, pois que em materia de arte, se a não contrariaram, pouco nella influiriam, dando em resultado que a sua passagem só ficou assinalada em algumas palavras, nomes geographicos, e principalmente pessoasas, que, segundo a experiencia mostra, mudam com toda a facilidade, quando se trata de lisonjear os que dominam.»

a posse do territorio de entre o Tejo e o Sado para a expansão do seu commercio e industria, veio aqui conquistar e arrasar todas as fortalezas, onde os indigenas lhe pudessem resistir; e occupou de preferencia, por ser a mais forte e defensavel, o castro de Chibanes, para permanentemente assegurar o seu dominio sobre o dito territorio.

Com effeito, se a situação da península da Arrabida, entre os dois magnificos portos formados pelos estuarios do Tejo e do Sado, já convidava os seus mais antigos habitantes, ainda na idade da pedra, a ensaiarem a navegação, primeiro dentro d'esses extensos estuarios e depois no fronteiro oceano, para viagens cada vez mais longinquas, tambem esta mesma situação, com que a natureza dotou territorio tão privilegiado, devia attrahir os nautas, que de afastadas paragens se aventurassem ao commercio, pela via maritima, com distantes povos do mundo.

Á entrada do estuario do Sado demorava um pequeno territorio (hoje encorporado numa estreita e longa faixa de terra, formada por um cordão litoral), que julgo devia corresponder, nos tempos de que estou falando, á ilha de Achale, a que se refere Avieno na *Ora maritima*¹, quando descreve as costas occidentaes da Europa, segundo um precioso periplo phenicio do sec. vi a. C.

¹ Francisco Martins Sarmento, no seu livro *Ora maritima, estudo d'este poema na parte relativa ás costas occidentaes da Europa*, a p. 42, diz: «é, porém, quasi certo que a península á entrada do Sado foi nos remotos tempos uma ilha no sentido rigoroso da palavra, e por isso não hesitamos um momento em ver nella a Achale do periplo. O silencio dos geographos posteriores ao anonymo explicamo-lo nós pelo facto de já a conhecerem mais ou menos ligada á Comporta pelo aterro do braço de mar que outr'ora a isolava, e que portanto lhe fez perder a sua configuração insular».

Em nota a esta mesma passagem de Sarmento, o fallecido geologo Nery Delgado, fundado na existencia da pequena altitude (apenas 3 metros) e largura da lingueta de areia na parte que fica 2 kilometros ao sul da Malha da Costa e por onde diz a tradição que o Sado communicava com o oceano, acha natural e provavel que o areal de Troia noutro tempo formasse uma ilha; porque nada o leva a crer que então o cabedello se ligasse á margem septentrional do Sado.

O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos (*Religiões da Lusitania*, II, 17 e 18) tambem admittia a opinião de Martins Sarmento.

É provavel que já no tempo de Avieno a ilha de Achale estivesse encorporada no cordão litoral; porque este escritor do sec. iv d. C. achava mais poetico, segundo diz D'Arbois de Jubainville (*Cours de littérature celtique*, XII, 37), pôr em verso uma descripção arcaica das costas da Europa, do que conformar-se com a realidade que lhe era presente. Estrabão que escreveu tres seculos antes de Avieno já não fala de tal ilha.

Charles Velain (*Cours élémentaire de Géologie*, ed. 1887, p. 47) diz que sobre as costas da Europa havia um grande numero de antigas ilhas, que se encontram

Este pequeno territorio, hoje chamado Troia, defendido naturalmente pelo mar, que lhe serve como de fosso, prestava-se a servir de base de operações commerciaes para quaesquer navegadores que ahi viessem aportar.

Nessa ilha, da mesma maneira que nas pequenas ilhas de Tyro e Arado, poderiam quaesquer navegantes precursores dos phenicios, senão elles proprios, conservar em bom recato as suas mercadorias e vir de vez em quando á costa fronteira fazer as suas feiras e tambem por vezes as suas rapinas.

Sendo assim, tambem era natural que esses antigos forasteiros, a fim de assegurar a posse de um porto de mar tão bem accommodado ao desenvolvimento do seu commercio e ao mesmo tempo para manter com os povos do interior o seu trafego, que talvez nem sempre fosse livre de perigos, em consequencia dos odios e represalias que levantavam as suas piratarias, conquistassem e occupassem a fortaleza de Chibanes, como a mais forte, para fazer valer o seu dominio sobre o povo conquistado e arrasassem o Castro da Rotura, deixando pelos campos a população trabalhadora e em Chibanes, escravizada e ao serviço dos novos senhores, a gente mais nobre, que não pôde evadir-se ou que não foi levada como cativa para outras paragens.

D'esta occasião em deante, as grutas da Quinta do Anjo, que tinham pertencido a familias, que teriam desaparecido ou perdido toda a sua riqueza, ficaram para sempre abandonadas.

Ter-se-hiam estes factos realizado antes de se propagar a civilização mycenense; pois que na Rotura e grutas da Quinta do Anjo não appareceram a meu ver vestigios bem accentuados d'esta civilização.

Depois da conquista de Chibanes continuou o seu castro a ser occupado pelos novos senhores, que nelle introduziram uma nova civilização, que já não se manifesta sómente pelas simples pontas de

actualmente ligadas á costa por istmos constituídos por cordões litoraes, que assim concorrem para a formação de pequenas peninsulas.

Poderia estar neste caso a antiga ilha de Achale, que, com o decorrer dos seculos, ficou ligada ao continente pelo cordão litoral que a corrente oceanica e outros agentes naturaes tem formado desde Melides até a ponta de Adocho.

Actualmente o territorio de Troia, onde se encontram as ruinas de uma importante povoação romana, acha-se coberto de sedimentos depositos pelas aguas.

Julgo que os movimentos de ascensão e descensão, a que me parece estar sujeito o territorio de Troia, aos quaes já me referi noutro lugar (*O Arch. Port.*, iv, 350 a 352), tambem tem concorrido para a configuração e relevo d'esse cordão litoral.

flecha feitas de silex, pelas contas de calaite e de marfim ou pela grossa louça ornada de *chevrons*. Agora todos os productos industriaes adquirem um novo character artistico, cheio de delicadeza e elegancia, que demonstram bem que os novos invasores, se não tinham uma civilização propria, estavam em contacto frequente e intimo com povos de uma cultura superior á dos antigos habitantes.

Talvez estes productos fossem da mesma civilização, que se desenvolveu espontaneamente ou sob o influxo de colonias phenicias num povo que, segundo o geographo Estrabão, habitava no meio-dia da peninsula iberica, na parte que tinha o nome de Betica ou Turdetania (hoje a parte occidental da Andaluzia), a que estavam ligados os celticos¹, que habitavam a mesopotamia de entre o Ana e o Tejo².

O mesmo geographo diz³ que «o dominio dos phenicios nesta parte da Iberia foi tão completo que ainda agora, na maior parte das cidades da Turdetania e dos campos proximos, o fundo da população é de origem phenicia».

Este povo, de quem Homero já tinha conhecimento⁴, chamado Tartessiano pelos Gregos⁵ e Turdulos ou Turdetanos pelos Latinos, era o mais sabio dos povos ibericos e tinha no tempo de Estrabão uma litteratura, annaes dos antigos tempos, poemas e leis em verso que pretendiam datar de 6:000 annos⁶.

Foi numa pequena ilha na Foz do Betis ou Tartesso (hoje Guadalquivir) que «os antigos edificaram uma cidade chamada Tartesso, como o proprio rio, e depois deram ao país occupado pelos Turdulos o nome de Tartessida»⁷.

A formosa Tharsis de que fala a Biblia⁸ não era, segundo muitos autores⁹, senão a cidade de Tartesso de que fala Estrabão.

Collocada no caminho maritimo, que ligava o Mediterraneo com o Mar do Norte, recebia das Cassiterides (Ilhas Britannicas) o estanho,

¹ Vid. Estrabão, *Geographia*, III, cap. II, § 1, traducção portugueza por Gabriel Pereira.

² Id., *ibid.*, III, II, § 6.

³ Id., *ibid.*, III, II, § 13.

⁴ Id., *ibid.*, III, II, § 12.

⁵ Id., *ibid.*, III, II, § 11.

⁶ Id., *ibid.*, III, I, § 6.

⁷ Id., *ibid.*, III, II, § 11.

⁸ Vid. II, *Paralip.*, IX, 21; *Psal.*, LXXI, 10; *Jerem.*, X, 9; *Ezequiel*, XXVII, 12 (segundo o texto hebreu) e *Jonas*, I, 3.

⁹ Cf. entre outros Maspero, in *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, 1904, pp. 368 e 372

exportava o cobre e prata de Hespanha e espalhava por todo o litoral da Europa os productos da civilização propria e da egeana, que recebera, por intermedio dos Phenicios, dos paeses banhados pelo Mar do Levante.

Era pois naturalissimo que os povos da mesopotamia de entre o Ana e o Tejo e principalmente os do litoral, como era o do castro de Chibanes, participassem da cultura tartessiana nas suas diversas fases, incluindo a da civilização mycenense.

Parece que a influencia grega ainda se fez sentir neste castro posteriormente aos Phenicios, por intermedio dos seus descendentes, os Liby-phenicios ou Carthagineses, como o indica a semelhança de algumas amphoras aqui encontradas com as provenientes das ruinas de Carthago.

Sob o dominio romano ainda o castro de Chibanes chegou a ser habitado, pelo menos até o sec. I depois de Christo, como o prova elaramente a moeda ahi achada do imperador Claudio. É certo porém que não se vêem nas ruinas d'esta estação nenhuns restos de materiaes de construcção caracteristicamente romanos, como são as *tegulae*, *imbrices*, argamassa signina, etc., o que parece indicar que o castro não foi habitado até o fim do longo periodo da dominação romana na Peninsula. Não é isto para admirar; pois que, logo que o dominio do povo latino chegou a ser o mais poderoso do mundo e a estabelecer-se sem resistencia alguma dos indigenas peninsulares, já não era necessario tal castro, que seria abandonado, por ser demasiadamente incommoda a sua situação.

Parte do seu povo espalhar-se-hia pelas villas rusticas romanas, de que restam vestigios nos ferteis campos dos arredores de Setubal, ou pelos muitos estabelecimentos industriaes, que havia nas margens do Sado, para salga e exportação de peixe e molluscos. São testemunhas d'este commercio e industria local os numerosos vestigios de *cetarias*, ou salgadeiras, que tenho visto em bastantes pontos da linha marginal do Sado desde o Moinho Novo até o Creiro ¹.

A maior parte, porém, da população do castro seria attrahida para o importante centro de commercio e industria que desde remotos tempos se tinha desenvolvido em Troia, e onde agora, a par de uma infinidade de tanques ou *cetarias*, umas ainda bem conservadas e outras em ruinas, se acham vestigios de pequenos objectos de luxo e

¹ Vid. «Esboço da carta dos arredores de Setubal, indicando as estações romanas e prehistoricas», fig. 274.^a, n-*O Arch. Port.*, xii, 216.



Fig. 438.ª (1/1)



Fig. 439.ª (2/3)



Fig. 440.ª (2/3)



Fig. 441.ª (1/1)



Fig. 442.ª (1/3)



Fig. 443.ª (1/3)



Fig. 450.ª (1/1)



Fig. 452.ª (1/3)



Fig. 457.ª (2/3)



Fig. 446.ª (1/3)



Fig. 459.ª (1/3)



Fig. 447.ª (1/3)



Fig. 444.ª (1/3)

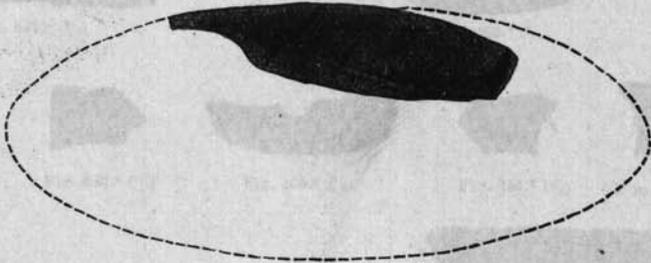


Fig. 448.ª (1/2)

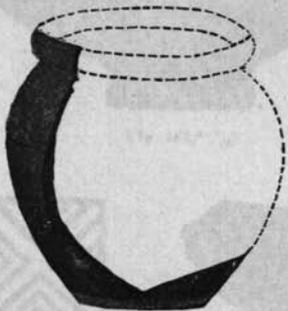


Fig. 456.ª (1/4)



Fig. 461.ª (1/3)

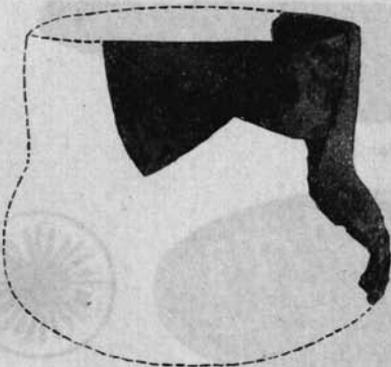


Fig. 462.ª (1/3)



Fig. 445.ª (1/3)



Fig. 449.ª (1/3)



Fig. 647.ª (2/3)



Fig. 463.ª (2/3)



Fig. 451.ª (1/3)



Fig. 453.ª (1/3)



Fig. 455.ª (2/3)



Fig. 454.ª (1/3)



Fig. 458.ª (1/3)



Fig. 464.ª (1/3)



Fig. 469.ª (2/3)



Fig. 468.ª (1/3)



Fig. 460.ª (2/3)



Fig. 485.ª (1/3)



Fig. 469.ª-A (1/3)



Fig. 465.ª (2/10)



Fig. 470.ª (1/3)



Fig. 466.ª (1/3)



Fig. 474.ª (1/3)

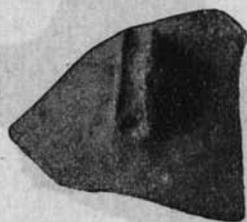


Fig. 483.ª (1/8)



Fig. 489.ª (1/8)



Fig. 484.ª (1/4)



Fig. 472.ª (1/4)



Fig. 471.ª (1/4)



Fig. 475.ª (1/4)



Fig. 473.ª (1/4)

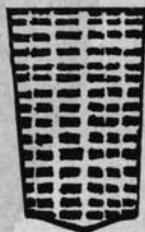


Fig. 476.ª (1/4)



Fig. 478.ª (1/11)



Fig. 477.ª (1/11)



Fig. 479.ª (1/11)



Fig. 481.ª (1/2)



Fig. 480.ª (1/11)



Fig. 482.ª (1/11)

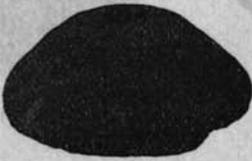


Fig. 499.ª (2/3)

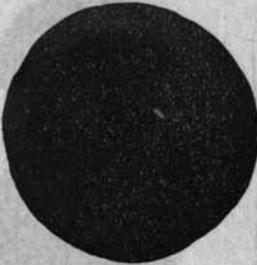


Fig. 499.ª (3/3)



Fig. 490.ª (1/4)



Fig. 492.ª (1/4)



Fig. 486.ª (1/2)



Fig. 493.ª (1/4)



Fig. 491.ª (1/4)



Fig. 509.ª (1/4)



Fig. 510.ª (1/4)



Fig. 488.ª (1/4)



Fig. 487.ª (1/10)



Fig. 520.ª (1/2)



Fig. 541.ª (1/4)



Fig. 495.ª (1/4)



Fig. 498.ª (2/3)



Fig. 500.ª (2/3)



Fig. 501.ª (2/3)



Fig. 494.ª (1/4)

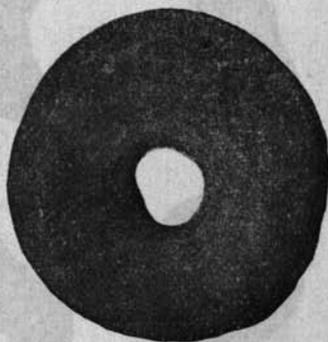


Fig. 503.ª (2/3)

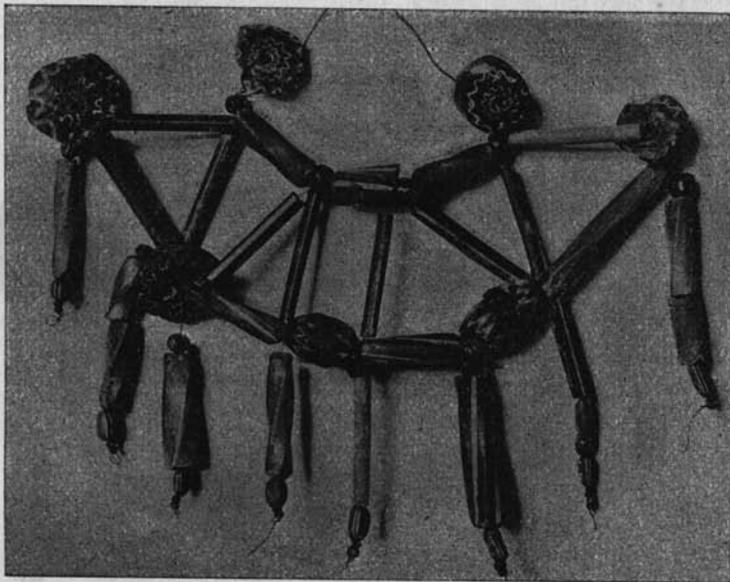


Fig. 511.^a (1/2)



Fig. 507.^a (2/3)



Fig. 504.^a (2/3)



Fig. 508.^a (2/3)

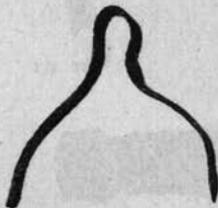


Fig. 521.^a (2/3)

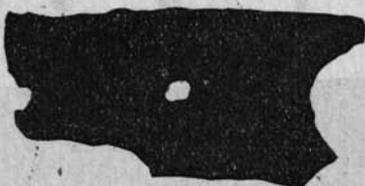


Fig. 525.^a (2/3)



Fig. 518.^a (2/3)



Fig. 497.^a (1/4)



Fig. 538.^a (1/3)



Fig. 524.^a (2/3)



Fig. 505.ª (1/4)



Fig. 506.ª (1/4)



Fig. 535.ª (1/2)



Fig. 514.ª (2/3)

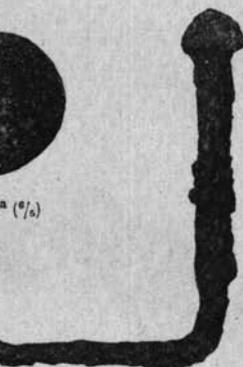


Fig. 533.ª (1/2)



Fig. 528.ª (2/3)



Fig. 512.ª (1/1)

A



B



Fig. 536.ª (1/2)

Fig. 530.ª (1/2)



Fig. 519.ª (1/1)



Fig. 522.ª (2/3)



Fig. 496.ª (1/4)



Fig. 537.ª (1/2)



Fig. 502.ª (1/2)



Fig. 539.ª (2/3)



Fig. 532.ª (1/2)



Fig. 540.ª (3/5)

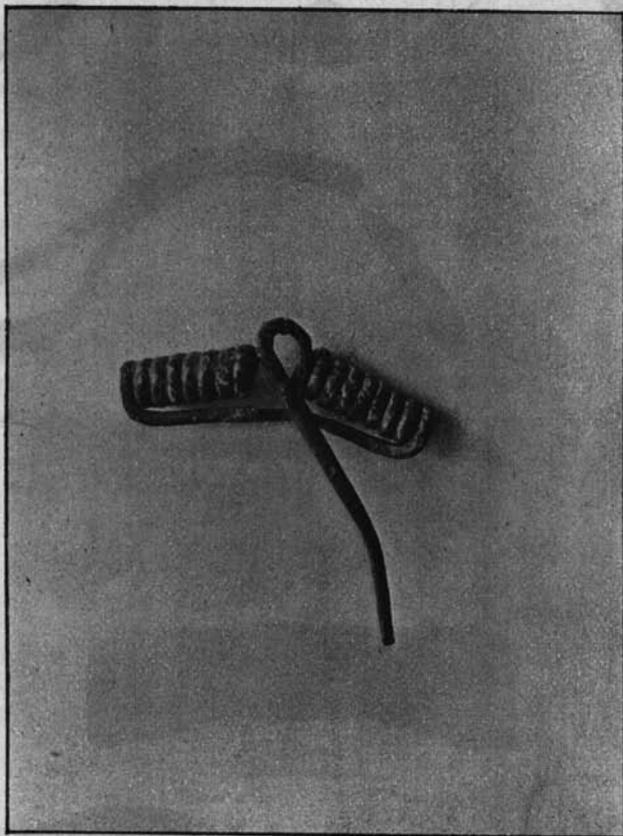


Fig. 515.ª (2/2)

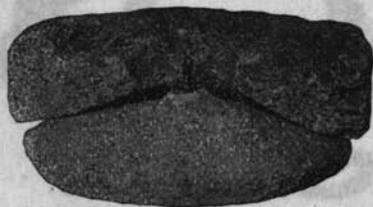


Fig. 545.ª (1/2)



Fig. 543.ª (1/6)



Fig. 526.ª (1/1)

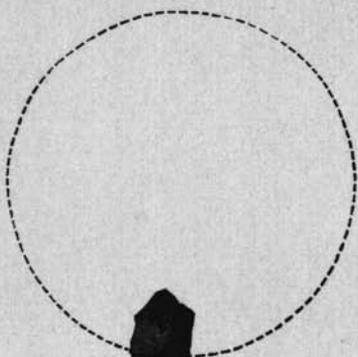


Fig. 529.ª (1/2)



Fig. 534.ª (1/2)



Fig. 516.ª (1/1)



Fig. 542.ª (2/3)



Fig. 527.ª (2/3)



Fig. 544.ª (1/2)



Fig. 531.ª (1/2)

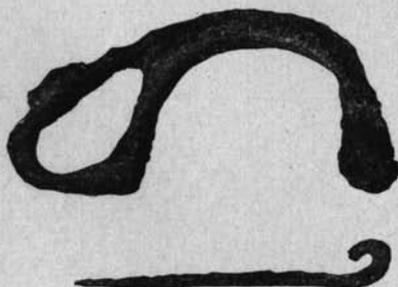


Fig. 517.ª (1/1)

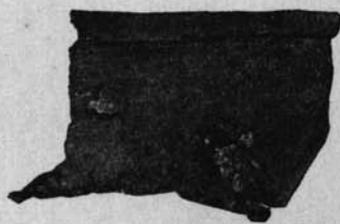
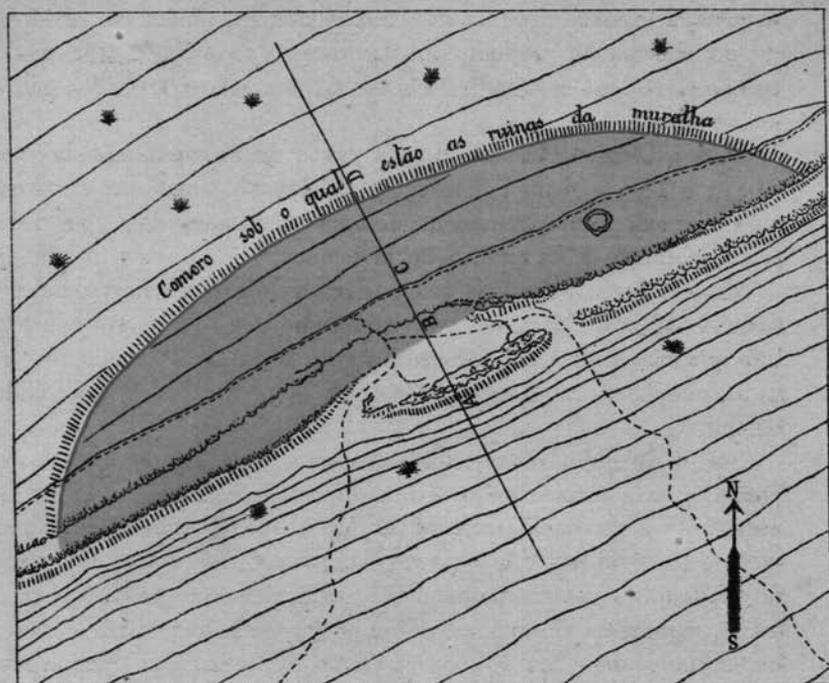


Fig. 523.ª (2/3)



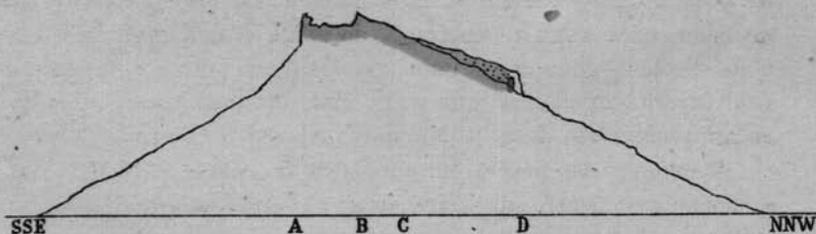
Fig. 513.^a (1/1)



PLANTA DO CASTRO DE CHIBANES

ESCALA $\frac{1}{2:000}$

Fig. 436.^a



PERFIL DO CASTRO DE CHIBANES SEGUNDO AD

ESCALA $\frac{1}{2:000}$

Fig. 437.^a

se vêem restos de thermas e de outros estabelecimentos de uso comum, que mostram claramente que tambem nesta povoação tinha bastante desenvolvimento a vida social sob todos os aspectos.

A. I. MARQUES DA COSTA.

Archeologia de Trás-os-Montes

1. Concelho de Alijó

Pude obter este anno dois instrumentos de pedra encontrados na povoação de Villa Verde pelo meu amigo Joaquim Rodrigues, a quem devo alguns outros mais, que, com este, tenho offerecido ao Museu Ethnologico.

1.º—Uma goiva de schisto ardosiano, bastante grosseira, bem polida apenas na extremidade em que foi formado o gume, e na extremidade superior da face inferior do instrumento opposta áquelle, de 0^m,085 de comprimento, de 0^m,025 de largura na parte mais larga, de secção pentagonal, com algumas pequenas fracturas na face lateral direita e na parte externa (lado esquerdo) do gume. (Fig. 1.^a).

D'esta pedra e tão tosca, ainda não encontrei outras. A sua fórma aproxima-se da primastica.

2.º—Um machado da mesma qualidade de pedra que a da goiva, de 0^m,13 de comprimento, de 0^m,04 de largura na base, de 0^m,25 de espessura, de fórma pyramidal, de secção rectangular, grosseiramente polido no gume, de fórma convexa, formado pelo desengrossamento das duas faces mais largas, e nestas duas faces, truncado e com grande fractura no vertice. (Fig. 2.^a).

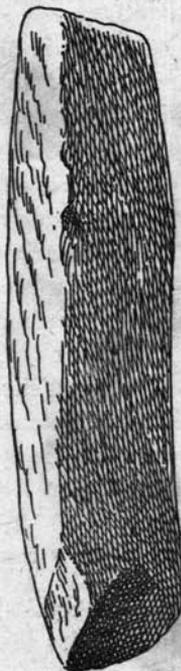


Fig. 1.^a (1/2)

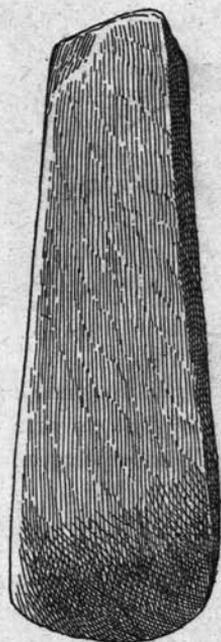


Fig. 2.^a (1/2)